

nomear pessoa de suficiencia, abonada e intiligente assi para reconhecer o pezo das ditas patacas, como p^a as fazer marcar e fazer receita e despeza ás partes, e estas circunstancias cõcorrerem na pessoa do dito Ant^o de Barros Castello Branco, cidadão d'esta Ilha de S. Thomé ouve p bem de o nomear Sellador das ditas patacas. E emquanto não quebrou o ditto cunho deu plena satisfação do que lhe estava a seu cargo: He merecedor de honra e m que o ditto Snor lhe quizer fazer: passo o referido na verdade, o que juro pello habitto de nosso Snor Jesu Christo de que sou professo.

Dada na Ilha de S. Thomé sob meu sinal e sinete das minhas armas aos oito de maio de 658.—*J. B. Carlos de Napoles.*

*

Antonio Cabral Cuelho tan. publico de notas neta sidade de Lx. por El Rei noso senhor. Certifico o sinal asima he de Carlos de napoles nã ce confude.

Lx. vite de agosto t^o sentos e treze anos.

Conta sinco test... (tostões?)—*Antonio Cabral Cuelho*.
(...?...)

Portalegre, 3 de Dezembro de 1913.

FRANCISCO CORDOVIL DE BARAHONA.

A colecção de «milagres» do Museu Etnológico Português

Nos costumes religiosos do povo perdura, ainda bem vívido, o preceito de tradição multissecular, que consiste na deposição de oferendas nos santuários, em honra dos santos oragos, ou, e principalmente, em honra de santos de afeição particular. De mais a mais, no calendário católico aparecem dias e festas consagrados ao culto dos advogados celestes contra toda a espécie de perigos, males e afecções. São estes santos que mais adornados tem os seus altares com as dádivas piedosas dos fiéis, que, favorecidos em evocações desesperadas, manifestam assim a sua gratidão pelo beneficio recebido.

O indivíduo que implora o auxilio divino faz um «voto» ao seu santo. Uma vez escutado o seu pedido, êle tem a obrigação de executar

a promessa (*solvere votum*). «Depois da realização dos desejos do requerente, a promessa é executória; e ela pode ser dirigida a uma divindade qualquer, compreender as mais diversas estipulações, com a condição de dever ser cumprida pelo seu autor, ou, na falta d'ele, por quem de direito público ou civil o substitua»¹.

Chama-se *ex-voto* a oferenda levada ao altar, ou lugar sagrado, daquela entidade divina, a quem se pediu alguma cousa, e de quem se obteve a realização do pedido.

Não eram, nem são, sómente estas as oferendas em honra dos deuses. Constituíam-nas: as primeiras colheitas de frutos ou cereais (*primicias*), cabeças de gado, objectos e alfaias de culto, utensilios e matéria para iluminação; e a representação de milagres (*ex-votos*) feitos em beneficio do oferente, a qual podia ser escultural, pictórica, ou simplesmente gráfica.

E digo «não eram», porque este costume subsistente provém dos tempos do paganismo. A obrigação de consagrar aos deuses as *primicias* dos bens de que elles são autores é o próprio fundamento da oferenda². Isto, dito em referência ao paganismo, tem applicação na definição do critério da primícia cristã. Quanto às demais espécies de oferendas, na crença pagã ou na católica, a sua natureza está na facilidade possível de todo o homem, quem quer que seja, oferecer aos deuses da sua teogonia todos os objectos³.

Por esta razão, o número e a variedade de cousas oferecidas à divindade encheram na antiguidade os templos, sobretudo os de maior celebridade. E, depois, as igrejas cristãs cobriram também de oferendas piedosas e agradecidas as suas paredes, em especial quando se referem a santos cujos milagres são os maiores e mais numerosos. Lembrem-se para exemplo, os tesouros dos tempos de Delphos, ou de Olímpia, e os bronzes de Delos, as armas da Acrópole de Atenas, os quadros do Propileu, as alfaias sagradas de Elêusis. Pelos templos do nosso país, catedrais e capelinhas, os *ex-votos* são numerosíssimos; em Lisboa é grande e importante a colecção da capela do Senhor dos Passos da Graça e a da Senhora da Penha de França, uma e outra dignas da melhor curiosidade.

Ora, entre os *ex-votos* occupa lugar de honra especial o «retábulo» ou «milagre». Ao lado dos objectos que figuram membros curados

¹ *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, de Daremberg & Saglio, s. v. «Devotio».

² *Ob. cit.*, s. v. «Donarium».

³ *Ob. cit.*, *id.*

e outros órgãos do corpo humano, ou representações de animais domésticos sobre que incidiu a cura milagrosa, aparecem em número, qualidade, arte, etc., os «retábulos». Estes são quadros pintados em madeira, fôlha de lata, cartão, e às vezes em tela. Vê-se neles em regra a pessoa que pediu o favor celeste, aquela em quem êsse favor recaiu, o Santo implorado que aparece com todos os seus atributos,— tudo em um cenário que explica incisivamente a natureza do milagre. O «retábulo» tem sempre a sua parte gráfica, onde se indicam os nomes das pessoas que figuram nele e o do Santo que recebe essa prova de gratidão, como também a data do fenómeno e qual êste seja. Dá o povo ao quadro o nome de «milagre», por simples metonímia.

O que esta espécie de oferenda é no tempo e na literatura, e mesmo na arte, não sera difficil de historiar. A série arqueológica (monumentos) se-lo há assim também tam fácil¹.

Os retábulos ou «milagres» exprimem uma sobrevivência actual dos hábitos do paganismo, transmitidos pelo conquistador romano. «Os Romanos faziam com freqüência votos aos deuses, e levavam-lhes *donaria*»². Mas também êles, como os Gregos, haviam recebido de civilizações anteriores êsse acto cultural.

No culto pagão houve, bem como ao depois nas religiões monoteísticas, três actos primordiais:—oração, sacrificio, e oferenda. Esta apresentava, segundo a sua finalidade, três classes: ou era *propiciatória*, e aplacava os deuses para os dispor a favor futuro; ou era *expiatória*, e oferecia uma satisfação a qualquer mau acto; ou era *gratulatória*, e celebrava o favor, *milagre*, concedido pela benevolência divina³. À última classe pertence o *ex-voto*; e, no nosso caso especial, o «milagre», espécie de *ex-voto*, como é.

«As primeiras ofertas aos deuses, a êsse *numen* misterioso que domina o mundo, foram as armas. Os machados votivos estavam em uso no fim da idade neolítica, porque se encontraram alguns nos túmulos e fabricados de pedra tam friável que não podiam servir para uso pratico, sendo certamente imagens sagradas ou funerais⁴». No Museu Etnológico vêem-se alguns machadinhos de pedra polida que certo não

¹ *Museu Etnográfico Português*, considerações por J. Leite de Vasconcelos, 1894, p. 12.

² J. Leite de Vasconcelos *Religiões da Lusitânia*, vol., III p. 395. Lisboa, Imprensa Nacional, 1913.

³ *Dictionnaire des Antiquités*, s. v. «Donarium».

⁴ *Le Origini della Civiltà Mediterranea*, di Angelo Mosso, 1910, in *La Preistoria*, II, capitolo VI, «Fascia Sacra», p. 77.

serviriam de outra cousa, em razão do tamanho e da sua bôa ou ótima conservação. Mas, antes do período neolítico, outros períodos houve; e a idea divina, em sua máxima rudeza, teria certo como depois, pela sua acção terrífica, a oferenda de *ex-votos*, quais fôsem êles, e por mais grosseiros que se imaginem na sua feição feiticística e bruta.

O progresso da civilização e da ideia mitológica fez com que as oferendas diversificassem. Não foram os Helenos que inventaram a ideia religiosa e com ela a formação dos actos cultuais. Não foram tampouco os Egípcios que criaram essa primeira manifestação simbólica do homem, em frente dos mistérios da vida e da natureza. O culto da pedra nas idades prehistóricas forçosamente teria nas suas oferendas o que correspondesse às oferendas pagãs conhecidas. Seriam pedras informes com valor simbólico, esboços e tentames de figuras¹, que deram ulteriormente os bétilos, os ídolos informes, os *xôana*, etc.; seriam massas pétreas como as que formavam os primórdios dos altares, dos dólmenes, das colunas (*menhires*).

Em tempos históricos o voto, que se realizava após a execução dos desejos do suplicante², estipulava-se de diversas formas: em aras, cipos, estátuas, placas lapidares (*tabulae votivae*), e inscrições votivas³. Nenhum assunto era banido, e desta maneira as estatuetas de bronze, as figurinhas de barro, evidenciam que toda a liberdade foi deixada à fantasia dos artistas e dos devotos: scenas domésticas, grotescas ou obscenas, não são consideradas como indignas de se mostrarem num templo⁴. É um realismo absoluto.

As *tabulae votivae* «atestam e celebram admiráveis milagres, proclamando assim e perpetuando o reconhecimento pelas graças concedidas»; e representam doentes curados, desastres no mar e em terra.. A oferenda vai acompanhada de uma inscrição dedicatória, gravada no objecto oferecido; e incluí o nome do donatário, a divindade a quem se oferece, e o motivo da dedicação, em verso ou em prosa⁵.

No Egipto o rei mandava pintar nas paredes dos templos, a toda a altura dos muros, quadros votivos: de um lado, o Faraó oferecia virtualhas, flores, emblemas; do outro lado, os deuses ouvem e fazem

¹ *Le Origini della Civiltà Mediterranea*, de Angelo Mosso, 1910, in *La Preistoria*, II, capitulo VIII, «Figure Votive», p. 101.

² Felice Ramorino, *Mitologia clássica* (dos Manuali Hoepli), Milano 1911, p. 121 sgs.

³ S. Reinach, *L'homme d'Orient*.

⁴ *Dictionnaire des Antiquités*, s. v. «Donarium».

⁵ *Ob., cit., id.*

sinais de protecção. Em volta dos templos, exteriormente, dependuravam-se quadros representativos de batalhas cuja vitória era atribuída também aos deuses¹.

Na antiguidade clássica a mais perfeita das oferendas é a estátua do deus². Depunham-se estátuas nos templos. Eram imagens de metal, pedra, madeira, marfim, ou barro. Entregavam-se à atenção divina altares: *arae, altaria, acerrae, turibula, foci, focula*; utensílios de iluminação: *lucernae, ceriolaria, tripodes*. Nos templos e nas *arbores sacrae*, ao redor dos altares e das estátuas dos deuses, suspendiam-se quadros de madeira ou de argila. Nos templos de Asclépio em Tricca, Epidauro, Pérgamo, havia retábulos suspensos. Estas *tabulae* eram quadros votivos, que os crentes colocavam, em sinal de gratidão, no aro consagrado ao deus auxiliar. No Asclepeion, de Atenas, encontraram-se, em escavações feitas, várias scenas pintadas, onde figura o deus *Baculum tenens agreste sinistra* (*Metamorfoses* de Ovídio, xv, 7)³; a seu lado aparece nos *ex-votos* a filha, Hygia⁴. O culto de Asclépio vai de Epidauro para Atenas, Cirene, e Roma. O templo de Epidauro é muito freqüentado pelos Romanos. São numerosas as tábulas de Cos e de Epidauro, e Cícero fala das de Samotrácia.

Na época romana, antes de Esculápio venera-se Strénia ou Strénuia, antiga divindade sabina, num templo ao pé do Coliseu; depois vem Sálus, contemplada com um santuário e festas; depois Carna ou Cárdea, que bebia o sangue das crianças e era a protectora do bem estar físico. No ano 291 a. C., Esculápio, que não era mais que Asclépio, o deus do Epidauro muito da devoção dos Romanos, foi transportado para a Ilha Tiberina, por ordem do Senado, quando grassava em Roma grave epidemia. A ilha foi consagrada a êsse deus, e levantou-se-lhe um templo onde o culto findou no termo do paganismo. Os Romanos que levavam os *ex-votos* ao templo de Epidauro, engrandecido pelo imperador Antonino Pio, passaram a deixá-los na Ilha Tiberina. Eram estatuetas de barro, representações figuradas dos milagres, *tabulae* ou *tabellae* irregulares e pequenas, suspensas dos templos diante das estátuas, inscrições votivas. E nesse templo, já na idade

¹ *Histoire de l'art dans l'antiquité*, de Perrot & Chipier, «L'Egypte», I, p. 441, 1852.

² *Dictionnaire des Antiquités*, s. v. «Donarium».

³ O verso que se segue é: *Caesariem longae dextra deducere barbae*, liv. xv, cap. 7, verso 35.

⁴ Max. Collignon, *Mythologie figurée de la Grèce*, pp. 314 e 52.

cristã, os últimos defensores do paganismo moribundo antepunham a figura de Esculápio à de Cristo, chamando-lhe salvador¹.

Esculápio vem fazer milagres na Lusitânia, na Bética, na Tarraconense (Hübner)², e igualmente os faz na Gália³.

A veneração religiosa a que as ágoas termais eram votadas, o culto que despertaram, por mercê das curas que produziam, levaram os pagãos a levantar templos junto das nascentes e fontes, e a enchê-los de oferendas e *ex-votos*⁴. Uma forma característica da idea da oferenda era o costume de lançar moedas às ágoas em pagamento das curas efectuadas. É bem a significação contratual do *ex-voto*. Estrabão⁵ refere-se a estas peças de dinheiro nos lagos e tanques existentes nos arredores de Tolosa.

Havia inscrições *pro salute*, colunas, estátuas, altares, *arulae* de forma de templos com pilastras e frontão⁶, estatuetas⁷, vasos⁸, *tabulae votivae*. Os Gauleses representavam, trabalhados de madeira e de bronze, os membros doentes que obtiveram cura.

Entre os Lusitano-Romanos ofereciam-se aos deuses todas aquelas cousas que os Romanos tinham por costume seu. Para atestar a afirmação, veja-se a preciosa colecção do deus lusitano *Endovélico*, cujo espólio formado de aras, lápides, restos de estátuas e bustos, fragmentos de membros, etc., tudo trabalhado em pedra, existe no Museu Etnológico⁹. Entre o espólio do templo d'este deus vê-se um alto-relêvo onde figura um corpo de homem decapitado que tem a perna esquerda mais curta que a direita, e torcida por paralisia. Também se nota uma pedra prismática, que tem ao cimo, em relêvo, dois seios pertencentes a um busto de cujos braços restam indícios. Há também no Museu outras manifestações de gratidão, do culto pagão. Por exemplo: a ara consagrada à deusa *Bandoga*, outra a *Fontanus*, e *Fontana*, a coluna do deus *Macárius*, o cipo de Rubiães, a ara de Mon-

¹ Marquardt, *Le culte chez les Romains*, II, p. 767.

² *Corpus Insc. Lat.*, II, p. 337, 339, 502, e *Religiões da Lusitânia*, obra já citada, t. III, p. 264.

³ Bonnard, *La Gaule thermale*, p. 149.

⁴ Bonnard, *ob. cit.*, 1808, p. 151. Em Portugal conhecem-se aras dedicadas *pro salute* a deusas e ninfas. Das primeiras é notável a de *Fontano & Fontana*. *Religiões da Lusitânia*, t. III, p. 255 sgs.

⁵ *Geographia*, lib. IV, cap. I, 13.

⁶ Bonnard, *ob. cit.*, p. 217.

⁷ Pottier, *Les statuettes de terre cuite dans l'antiquité*, 1890.

⁸ Bonnard, *ob. cit.*, p. 271.

⁹ *Religiões da Lusitânia*, t. II, p. 111 a 145; e *Corpus II. Endovellicus*.

corvo IOVI OPTIMO¹, os *ex-votos* do deus *Aernus* à deusa *Atégina*, zoomórficos², etc.

Na Idade Média as *tabulae votivae* cristãs representavam-se em quadros oferecidos pelos devotos que figuravam neles ao lado de Cristo ou de qualquer Santo a quem a obra era dedicada e cujo alto patrocínio se implorava. Eram retábulos com scenas, feitos por pintores de nome, ou por santeiros mais ou menos humildes. As catedrais góticas, as do Renascimento, os mosteiros, abadias e os templos antigos, os museus de Arte Antiga, possuem colecções valiosas destes bons quadros. Depois, as dimensões reduziram-se, o quadro democratizou-se, pôs-se a um fácil alcance, sem compostura hierática, e elegantemente realista.

O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos num seu opúsculo³ fala de uma biografia de S.^{to} Antão, em português, acompanhada de uma gravura, em que se representam vários *ex-votos* dos princípios do séc. XVI.

É só do séc. XVII em diante que entre nós se encontram os retábulos populares, pintados com todo o seu carácter scénico, e na máxima parte imensamente simples. Diz no mesmo opúsculo, o Sr. Dr. Leite, crer que encontrou alguns desses «milagres» do séc. XVII. No séc. XVIII são numerosos. Pintores nacionais de nome tem feito desses quadros, como por exemplo Domingos António de Sequeira, (XVIII-XIX), de quem vieram alguns reproduzidos na revista *Portugália*⁴. Os do séc. XIX são os que, por via da melhor conservação, se oferecem à vista pelo país fora em igrejas e capelas onde haja um santo de fama e grandes milagres.

Os «milagres», pintados pelos artistas populares, são os que definem o carácter e a verdadeira significação etnográfica da oferta gratulatória. Tem a rudez das *tabulae pictae* dos crentes de Roma; e, além dessa irregularidade de iconografia e de técnica, manifestam ingenuamente a côr local, o ambiente onde o milagre se produz.

Certamente se notam as diferenciações de situação social dos oferentes dos retábulos; e isto dá-se, tanto no material sobre que são pintadas as scenas, como na qualidade da pintura. Na colecção do Museu Etnológico se verificam um pouco estas distincções. Em todo o

¹ Vid. *Religiões da Lusitânia*, t. II, p. 316, e III, p. 196, 217, 256, e *Arch. Port.*, vol. II, p. 168.

² *Religiões da Lusitânia*, t. II, p. 169 sgs.

³ *Museu Etnográfico Português*, já citado.

⁴ *Portugália*, «*Tabulae-votivae*», artigo de Rocha Peixoto, vol. II, p. 189 e 192.

caso, com melhor composição ou pior arranjo, a expressão artística e a forma de manifestar gratidão não se afastam da arte popular do «milagre», no que toca à disposição das partes componentes do desenho, e à sua expressibilidade.

A scena, que representa a cura ou outro auxilio divino, occupa a mór parcela do retábulo. Na grande maioria dos casos, vê-se na parte inferior, em uma faixa e a toda a largura, a legenda que explica a natureza do socorro pedido e concedido, com a declaração dos nomes dos figurantes e a data dos factos. Às vezes o quadro biparte-se: numa das partes vê-se o scenário figurativo do milagre, na outra está o santo e a legenda. Na pequena colecção do Museu Etnológico há um «milagre» dividido em duas scenas que se sobrepoem (n.º 5): a superior indica a situação anterior ao desastre; a inferior representa os resultados d'ele e o efeito do socorro divino. Outras vezes, vê-se na mesma composição scénica o antecedente e o consequente do desastre que se figura (n.º 2).

A maior importância dos «milagres» é a informação etnográfica dos pormenores. Representa-se aí mobiliário que caracteriza os modelos de uso doméstico. As alfaias, o bragal, tem também a sua ostentação. A indumentária, tanto pela combinação da côr como pela forma, significa a moda ou o uso, e mostra disposições de partes do vestuário. Há manifestações de viver doméstico, pelas scenas evocadas. Vêem-se aspectos variados de cabeleiras femininas, e outros arranjos. Nas representações de desastres, ao ar livre, em terra firme, encontram-se formas de carros agrícolas, jugos, dispositivos variados de trabalhos e cousas de campo. Nos desastres no mar figuram tipos de navios, lugres de alto mar, barcos de pesca costeira, forma e abertura de velame, trajos de pescadores e embarcações. Vêem-se os santos de maior estima e mais larga fama.

Em casos comuns, aparecem também retábulos onde há allusões a militares. Na colecção do Museu Etnológico Português existe um, (n.º 7) em que se roga pela vida de um soldado, considerado morto, em tempo de paz. Aí está mais uma documentação, ao lado das outras já mencionadas: os uniformes do exército.

No aspecto da técnica, é mui grande o grosseirismo. Se se encontram cousas e figuras mais cuidadas, são feitas por amadores de certa cultura artística, ou, o que será mais raro, por profissionais de melhor aptidão. A maior parte é de profissionais rústicos e de arte mui primeva. A repetição das côres é um caso curioso. As côres basilares são duas, azul e encarnado. Repetem-se, sobrepoem-se, em tudo; dá-se a justaposição no vestuário, nas roupas de quarto, na

paisagem; se há por elas mais visibilidade e atracção, denotam também o parco recurso gradativo dos pintores populares.

A ideografia da composição é de ingenuidade completa, principalmente quando há necessidade de pintar uma paisagem de terra ou mar. O desenho das figuras e dos animais é especial da arte primitiva, as perspectivas são uniplanas.

Quando os santeiros dos «milagres» pretendem fechar os santos nas aureolas de bem-aventurança em que surgem, ou os rodeiam de volumosos rodopios de nuvens, cercando-os por completo, ou as nuvens lhes servem de pedestal. Às vezes encaixam o santo em um pórtico, e então manifesta-se grande fantasia tanto na forma de colunas e pilastras, como na ornamentação das bases e capitéis, peanhas e entablamentos.

A legenda procura copiar os caracteres de imprensa, ora os maiúsculos, ora os minúsculos, ora uns e outros ao mesmo tempo. A irregularidade de caracteres e lineamento é, por via de regra, muito grande. A sintaxe é da curiosa forma do povo. As faltas de ortografia são dignas de atenção, tanto pelo seu carácter especial de cacografia, como pelas manifestações da linguagem popular; e é devéras singular por vezes o sistema de pontuação. As linhas, quando incompletas, ficam com os topos em distâncias simétricas em guisa de inscrição lapidar, e fecham-nas rosetas e palmitos cheias de fantasia rústica.

*

Seguem-se os «Milagres» da colecção do Museu Etnológico. Formam, de maneira geral, dois grupos: ou exprimem um desastre, desaparecimento, extravio, em terra e em mar; ou significam a imploração de doentes, e a respectiva cura.

N.º 1

LEGENDA.—Entre parênteses [] está escrita em caracteres maiúsculos grossíssimos, que imita os de imprensa; de aí por diante vái um cursivo grosso um tanto regular. Estende-se a legenda por campo de cinco linhas, e diz:

[Milagre que fes a S.^a dos Prazeires. | Antonio Joaquim Rozado] cazado morador nas | aldeias de monte oito de humas nullas q̃. somirão sua mulher An | tonia Rozada brando pelo Patrocino da S.^a q̃. lhe aparecem Logo | ocabo de poco tempo apaceraõ este pordijo Fes a S.^a 1852. |

CARACTERES.—A pintura é a óleo sobre uma folha de lata que mede por largura 0^m,363, e por altura 0^m,24. Tem uma barrazinha amarela fechando moldura à figuração do «Milagre»; este caixilho pintado, não incluí à legenda que fica de fóra dela. Conserva-se em bom estado. Tem o número 173 de ordem de catálogo.

ICONOGRAFIA.—À esquerda, vêem-se dois burros num prado; estão presos pela arreata que um homem, de joelhos á frente deles, segura. Adiante do homem está, também de joelhos, uma mulher. E a Virgem implorada aparece á direita, no alto, vestida de túnica e capa mui rodada e cintada, de cores vermelhas com tarjas de oiro; na cabeça ostenta uma corôa rial. Cerca-lhe a cabeça um novêlo de núvens azuladas. Inferiormente desdobra-se uma densa massa de núvens negras.

N.º 2

LEGENDA.—Ocupa um pouco mais de metade da altura total do quadro. Está escrita no espaço de oito linhas, em letras maiúsculas a imitarem as da imprensa. As linhas conservam os topos em simetria com a vertical média, à maneira das inscrições. E diz assim:

M. ã. fes N. Sr.^a do Desterro a Anna Domingves do lu | gar
da Figveira ã. hindo p.^a Tentugal em hum ca | rro carregado
de pescadas svsedev ã. ânov | te cahio do carro abaixo de fronte
da capel | la da mesma Senhora em parte ahonde não | cabia
senão o carro e vendose em tão | grande afflição emuocou esta
Sr.^a ã. | foi servida liurala de tão gr.^{de} perigo aos 30 de 8.^{bro}
i7i0. |

Palmitos completam as quatro primeiras linhas:

CARACTERES.—É pintado a óleo sôbre madeira. Mede 0^m,50 de largo e 0^m,395 de alto. Tem moldura estreita, de alçado, e de côr castanha. Está em boa conservação. O número de ordem de catalogação é 174.

ICONOGRAFIA.—À esquerda, de pé todos três, vê-se a Sagrada Família, e perto dela um burro. A figura da Virgem parece ter sido copiada de um quadro do florentino Sandro Botticelli o que mais se convence pela expressão fisionômica do Jesus. À direita: um carro de bois vai carregado de canastras de pescado; os animais são guiados por um homem que veste casaca, calção e meia, na cabeça um chapéu abado à moda do séc. XVIII. Na dianteira do carro vai uma

mulher. Debaixo do veículo, à frente do rodado, e de face para cima, vê-se um busto igual ao da mulher que vai em cima, exprimindo-se desta forma o desastre. O boieiro e a mulher que está no carro dirigem gestos de súplica aos santos da esquerda.

N.º 3

LEGENDA.—Nada se lê do que foi a legenda deste «Milagre», tam deteriorado está:

.....

CARACTERES.—O cenário do milagre é pintado de aguarela sobre papel ordinário, que foi colado numa fôlha de papelão de dimensões concordantes. O papel está erguido, principalmente na parte inferior onde se teria lido a legenda; em outros pontos está roído pela traça. Mede 0^m,28 de largo por 0^m,22 de alto. Não tem moldura. O número de ordem na catalogação é 185.

ICONOGRAFIA.—Vê-se o mar. Singra nele uma canoa donde saem os bustos de um homem de suíças, e de uma mulher que levanta as mãos, postas em oração. À proa um barqueiro de branco, carapuça lembrando a dos tripulantes das velhas galeotas, dirige o barco, por meio de um remo; outro, no mesmo trajar, mas vendo-se-lhe apenas o tronco, vai remando. À direita, no alto, aparece a Virgem, pintada de tronco, e rodeiam-na algumas nuvens ligadas por estrangulamentos. A santa conduz ao colo o Menino, ambos com uma estréla na cabeça, e ela olha com misericórdia os implorantes.

N.º 4

LEGENDA.—O que na orla inferior do retábulo se escreveu em letras maiúsculas, simile das tipográficas, diz em quatro linhas:

Milagre, ã. fes N. S.^a da Fonte, Santa, a José Joaq.^m; | do Monte das Pozoas, termo, de Olivença, ã. | tendo, doze vacas, perdidas, N. S.^a permetio, ã. | lhe apareceram. Anno. De 1823. |

CARACTERES.—O successo foi representado numa scena pintada a óleo sobre madeira. Medidas: 0^m,35 de largura e 0^m,277 de altura. A conservação é boa. Tem por número de ordem de catalogação 187.

De Bencatel (Vila Viçosa). A moldura é azulada e manchada de pintadas negras.

ICONOGRAFIA.—À esquerda, em cima, atingindo a linha média longitudinal, vê-se a Virgem da Fonte Santa, coroada, posta em luz de ouro que lhe forma auréola, cercada de novelos de nuvens. Em baixo de joelhos: à esquerda uma mulher de mãos postas, a olhar a Virgem; à direita um homem em igual postura. Para a direita do quadro arrebanham-se em magote as doze vacas perdidas, escalonadas em tamanhos. As figuras trajam à espanhola.

N.º 5

LEGENDA.—Êste «Milagre» está encenado em duas partes, divididas por um septo vertical. Na parte direita, por baixo da imagem da Nossa Senhora da Fonte, vê-se a legenda que está escrita em cursivo irregular, e copia o tipo de imprensa, e se alonga pelo espaço de nove linhas:

Milagre q̃. fes N. S.^a da Fon | te S.^{ta} a Mavriçia da Crvs. |
 q̃. estando, ivnto do Pego | de N. S.^a com a sva f.^a Estrvdes
 | se lhe meteo hvm bvrro | no d.^o pego e indo p.^a o livrar |
 cahio hela p.^a dentro e nes | ta aflição bradov por N. S.^a |
 q̃. a livrov de tal prigo, seie p.^a a servir (e em cursivo) a mesma
 S. anno de 1805. |

CARACTERES.—A pintura foi feita a óleo sôbre madeira, medindo o quadro 0^m,37 de largo por 0^m,27 de alto. Conserva um caixilho de madeira azul. O seu estado é bom. O número de catalogação é 188. Provêm do templo da Senhora da Fonte Santa, em Bencatel (Vila Viçosa).

ICONOGRAFIA.—O retábulo é bipartido. Do lado esquerdo há uma casa com quatro janelas rectangulares no 1.^o andar, e no andar subjacente vê-se uma arcada de outros tantos arcos plenos, correspondentes. Desenvolve-se para a frente o terreno; ao meio do campo abre um charco. Uma mulher caíu na água, e outra está sentada na borda da poça. Dois homens tentam salvar a que mergulhou, para o que um dêles lança ramos à água, puxando-os com o companheiro. Ao fundo, sob o primeiro arco da direita, duas mulheres correm afitas para o local do desastre. Junto da poça está um burro. Na parte da direita sôbre a legenda aparece a Senhora da Conceição, implorada. Ostenta-se em pórtico de duas colunas floreadas de grinaldas.

N.º 6

LEGENDA.—Este exemplar tem a seguinte legenda, cujas letras ocupam quatro linhas na orla inferior e imitam os caracteres de imprensa:

Milagre que Fes N. Snr.^a do Rozario a Luis da Silua Depois de andar quatro dias e quatro Noites Sem governo e Sem | Comer Nenhvm, Nem Saber aonde estauão, lhe veio hum tu- fão. Deuento que lhe luvou o pano todo pelos ares elhemoreu | hum home Com v susto. Chamaram pella dita Snr.^a e ella lhe fes Tornar o Barco para tras já Com bonansa E os trose pella | Barra Dentro a Salvamento. |

A 4.^a linha é menor, e tem os extremos simétricos que duas palmas adornam, uma de cada lado.

CARACTERES.—É de madeira com a pintura a óleo. Tem uma moldura vermelha com um filete interno dourado. Mede 0^m,50 de largura por 0^m,31 de altura. No verso mostra o numero 265 de catalogação. Está bem conservado.

ICONOGRAFIA.—Representa-se o mar. O mar está tormentoso, e no meio das ondas irritadas e espumantes revolve-se uma barca de dois mastros. As velas voam, a da ré dobrada com o mastro, que partiu pelo têrço, a da proa desfeita em pedaços que fazem bandeiras pelo mastro acima. Dentro cinco homens orando, e à proa outro, que implora o auxilio divino. Na água vê-se um barril e outros destroços. A direita, no alto, a Nossa Senhora do Rosário avulta dentro de uma auréola rósea, sôbre turbilhões de nuvens brancas.

N.º 7

LEGENDA.—Encerra a legenda três linhas de letras maiúsculas, que imitam os caracteres de imprensa:

Milagre q̃. fez a Snr.^a de Carquere a M.^a Leitoa | do lugar de Paredes por hum seu filho sold.^o julgado | morto em Abrantes (uma palmeta). |

CARACTERES.—É este quadro pintado a óleo numa fôlha de madeira, que mede 0^m,34 de largo por 0^m,22 de alto. A sua conservação é boa. Tem o número 268 de catálogo. Provêm da aldeia de Cárquere. Não possui moldura.

ICONOGRAFIA.—Em campo fortemente azul estampam-se as figuras. À direita há uma imagem da Senhora de Cárquere, que foi copiada de uma rainha de cartas: tem uma túnica vermelha, manto azul, coroa rial, está de mãos postas e mostra-se em corpo inteiro mas com falta dos pés. A imagem assenta em nuvens de côr branca misturada de vermelho, que se arredondam em redor da Santa e lhe chegam à cintura. Ao meio do quadro ajoelha a Maria Leitoa, voltada para a aparição, e implora protecção de mãos postas e dobrada pelos iliaços. À esquerda o soldado está de pé, de grande barretina, e fardado pela ordenança do meado do séc. XIX.

N.º 8

LEGENDA.—Escrita em cursivo regular tem a legenda seguinte, que ocupa três linhas, tendo simétricas as extremidades da terceira que é menor:

M. ã. f. a Sr.^a de Cárquere a Custodia de Iaius | de Vinhos
ã. estando em prigo de Morto chamouce | a Sr.^a ellã lhe deu
S.^o |

CARACTERES.—Êste «Milagre» é pintado a óleo em uma tábua afeiçãoada dos lados de maneira a dar idea de moldura, mas reintrante. Tem a largura do 0^m,29 e a altura de 0^m,18. É boa a sua conservação. No catálogo figura com o número 269.

ICONOGRAFIA.—Representa-se um monte. À esquerda, uma camponesa ajoelhada ora de mãos postas, vestindo de azul com um lenço branco estendido pelas costas como chaile. À direita, vê-se a Virgem de pé no cabeça do mesmo monte; veste um manto azul, sobre túnica vermelha, tem um lenço branco pôsto na cabeça, e está de mãos postas.

N.º 9

LEGENDA.—Uma faixa inferior pintada de branco tem escrito, a letras que imitam correctamente os tipos de imprensa, o que a seguir se lê:

Millagre que fez o Bemaventurado S. Gonçalo ao R.^{do} José
Joaquim Pr.^a natural de Fontes; p.^r q.^{to} andando | embarcado
no Mar, se vio em prigo de se perder; e apegando-se com o
mesmo S.^{to} se poz em salvo de q. não tinha esperança algũ. |

CARACTERES.—É uma lâmina de folha de Flandres, que mede 0^m,355 de largo por 0^m,269 de alto. A figuração do milagre está pintada a óleo. Boa conservação. Está catalogado este «Milagre» com o número 270.

ICONOGRAFIA.—O quadro representa o mar, próximo da costa. Uma nave de três mastros, com todas as velas enfunadas, vai sulcando a água para a esquerda. O mastro da proa e o da pôpa estão oblíquos, prestes a derrocar. Sobre a vante um homem implora socorro ao Santo; outro procura impedir a queda do mastro da ré; um terceiro ora ajoelhado. No canto esquerdo superior aparece S. Gonçalo, envergando o hábito monacal, e aparece de bordão em punho; rodeia-lhe a cabeça uma auréola, e êle com o braço esquerdo faz o gesto de afastar as nuvens da tempestade, sobre as quais se assenta. O firmamento limpa, o horizonte ilumina-se, o mar está chão.

N.º 10

LEGENDA.—Escrito em letras maiúsculas, que imitam as tipográficas, lê-se no espaço de três linhas:

M. q. fez S.^{to} Antonio, a Jose Preira, do Cavouco, q̃, vindo as vacas e o carro por o caminho | de repente fujiram às trazeiras, e caíram de uma parede abaixo; e S.^{to} Antonio lhe | valleu que nada teve perigo. Em 1878. |

CARACTERES.—O quadro é pintado a óleo em uma folha de lata bastante grossa. Não tem moldura. Mede 0^m,71 de largo por 0^m,55 de alto. Está cortado ao meio. Tem inserito o número de catálogo 271. A nota mais curiosa d'este «Milagre» é a aposição da assinatura do pintor; no canto inferior esquerdo lê-se: «O PINTOR, Manoel Duarte, de massas». (Massas ou Maças é o nome de um lugar de Rêsende).

ICONOGRAFIA.—A figuração do «Milagre» divide-se em duas partes sobrepostas; a primeira representa o momento que precede o desastre, e a segunda significa, em baixo, os efeitos d'esse desastre. Naquela, vão dois bois à borda de um caminho jungidos a um carro acogulado de espigas de milho; um homem, à frente d'êles, guia-os e fere o boi da esquerda com a agulhada; atrás caminha uma mulher, e o quadro mostra a paisagem com árvores de copas verdes esmaltadas de flores vermelhas, vê-se relvedo semeado de pétalas rubras, mais uma estrada à beira de um muro. Na parte inferior, o

muro limita o fundo, e os bois que se despenharam estão em posição crítica, um dêles torcido, havendo rolado sôbre a canga e a cabeça contra a cabeça do segundo; o carro voltou-se e o milho derrama-se pelo chão, que tem erva; o homem ajuda os animais a desenvencerem-se. Na scena superior paira o Santo, envolto em nuvens, e com o Menino nos braços.

N.º 11

LEGENDA.—Escrita em letras maiúsculas que imitam os caracteres de imprensa, a legenda dêste «Milagre» diz no espaço de seis linhas:

M. qve fez N. S.^{ra} da Lapa. a Iôze Gomes Viza. E | a Manoel da Costa Crav.^{ro}. os qvais sahindo nos se | os bateis con a sva gente. estando o mar e tempo bom. se | levantov de tal sorte o mar e temporal. que obrigados | a darlhes a popa como fizerão. entrando no Porto da Gvarda milagroزام.^{to}. por M.^o da S.^{ra} no anno de 1760. | (Fecha a linha um palmito feito à mão).

CARACTERES.—Pintura a óleo sôbre madeira, êste quadro mede 0^m,53 de largo por 0^m,394 de altura. Tem moldura larga e espessa, muito alçada, e de côr de rosa. É em bom estado de conservação. Possui o número 5:258 do catálogo.

ICONOGRAFIA.—Representa o mar. Está azul e manso, como efeito da imploração; há umas leves virgulações brancas que representam as ondas. Bordejam ali dois veleiros, de vela rectangular branca enfunada do vento da feição. Estão cheios de gente. O horizonte esbate para o azul do zenite a sua côr de rosa. À frente sobem um pouco debaixo da moldura os cimos de seis rochedos da costa, sôbre os quais andam dois homens a pescar à vara. À direita, no alto, a Virgem Maria vestida de rainha, de pé nas nuvens e de mãos postas, olha para o barco; cercam-na três cabeças de anjos de que sobresaem as asas vermelhas.

N.º 12

LEGENDA.—Estende-se por duas linhas, sendo parte da primeira linha escrita em caracteres maiúsculos, simile grosseiro dos tipos de imprensa, e a restante letra feita em cursivo irregular; a legenda diz:

Milagre q̃. Fes N. S. do Camo a | Leocadia
Rosa | (Fecham a linha três palmitos).

CARACTERES.—É este «Milagre» pintado a óleo sobre madeira. Mede 0^m,185 de largo e 0^m,150 de alto. A sua factura é grosseira. O estado de conservação é mau. Não teve moldura. Possui na catalogação o número 175.

ICONOGRAFIA.—Ao meio há uma figura de mulher ajoelhada e de mãos postas, com a frente para o espectador. Esta figura é uma silhueta de traço grosseiro, cheia de tinta vermelha na saia, e negra no corpete que deixa os braços nus até o cotovelo. À direita a *Nossa Senhora do Carmo* veste hábito freirático, vermelho, sem manto; tem os seios vincados de côr negra, a fim de obter volume; traz rosário que cai do cingulo, e na cabeça uma coroa de rainha de entremez; ao colo conduz o Menino, de quem se vê a cabeça coroada por cima do ombro materno; os pés da Virgem escondem-se em quatro novelos de nuvens de fumo colorido. As cabeleiras são empastadas. As figuras estão enquadradas em bambinelas e cortinas verdes, em campo côr de telha esbatido até amarelo, pelo que se nota um aspecto teatral em toda a composição.

N.º 13

LEGENDA.—Compõe-se de quatro linhas escritas em cursivo grosseiro, e diz:

Milagre q̃. fez S. Domingos do Sacramento A Jozefha maria estando m.^{to} mal de | hũa malina, Ja desconfiada dos Medicos. Secarmentada e hungida com a vela na mão | rezandohe officio, dagonia e pegando-se com m.^{ta} fé logo ficou liver de pigro em Agosto do ano de 1753. |

CARACTERES.—Este «Milagre» é pintado a óleo sobre madeira. Mede 0^m,50 de largo e 0^m,37 de alto. Possui moldura larga, com alçados diferentes e um fio interior dourado, bem como outro exterior igualmente dourado. O número de ordem do catálogo é 177. Está mal conservado.

ICONOGRAFIA.—À esquerda, em campo castanho, vê-se uma cama de dossel e cortinados vermelhos, ornados com franja de ouro. Uma mulher estende-se no leito, deitada sobre a direita. Ao lado de lá da cama o cura, de cabeleira, batina, volta e capa, está de pé. Ao lado da cabeceira, à frente da cama, há uma mulher sentada em cadeira de alto costado redondo de côr vermelha. Aos pés da cama um homem de peruca, de casaca, punhos de renda, capa curta à moda do séc. XVIII, espera de mãos nos quadris. À direita no canto superior, den-

tro de um rectângulo verde esmeralda, o santo vestido de frade, as mãos cruzadas sobre o peito, e segurando um ramo, está de pés escondidos em volutas de núvens, e atende a doente; um triplo raio de luz emitido pela pupila misericordiosa do implorado dirige-se para a suplicante.

N.º 14

LEGENDA.—Êste «Milagre» tem uma legenda, ilegível pelo motivo de levantamento da tinta, onde se lê unicamente a data; os dizeres ocupavam três linhas:

M. ã. F.....Ma | rido
 Ant.¹⁰ Joze....Infermos | se. chamaraõ....
1768 | (uma palmeta). |

CARACTERES.—A pintura é a óleo sobre madeira que tem vestígios de moldura reduzida já a uma régua de côr escura. As dimensões são: 0^m,324 de largo e 0^m,28 de alto. O estado de conservação é mau. Número de ordem, 178.

ICONOGRAFIA.—À esquerda, uma mulher de mãos postas está de joelhos rezando; ao lado dela vê-se um homem na mesma posição, vestindo êste como no séc. XVIII, calças vermelhas e casaca azul. À direita, no alto, com o Menino ao colo, foi pintada a Virgem que os implorantes suplicaram; aparece, apenas em tronco, encaixada numa onda de nuvens que fecham a auréola de luz amarela donde a imagem emerge.

N.º 15

LEGENDA.—Está escrita com letra cursiva mui regular, assaz fugidia, que enche quatro linhas, e diz:

M. ã. fes N. Senhora do Rozario e S. Domingos o qual se uener dentro deste Conuento | Amadalena de S. Anna estando doente de huã perna e a seu marido agostinho Barboza doente dos o | lhos apegando-se com m.^{ta} fe Com a S.^{ra} do rozario e o S.^{or} S. duminhos logo se acharão milhor os dois. | (roseta) seia May da Ds louvada p.^a todo sempre cos seus santos (roseta). |

CARACTERES.—A scena do «Milagre» é pintada a óleo sobre madeira. O caixilho, negro, tem interiormente um filete dourado. Medidas: 0^m,45 de largo por 0^m,32 de alto. Está em boa conservação, e é de aspecto agradável. Número 261 do catálogo.

ICONOGRAFIA.—À esquerda ora, de joelhos e mãos postas, uma mulher; à direita dela está um homem na mesma postura, este trajado de preto e aquela vestida de côres. Voltam-se para o canto superior direito onde, sentada em nuvens, se mostra a Virgem implorada, e de joelhos à sua esquerda, a rogar à Nossa Senhora do Rosário pela oração dos dois implorantes, vê-se o Santo em hábitos da Ordem.

N.º 16

LEGENDA.—[As letras da legenda são todas maiúsculas, e imitam os caracteres de imprensa. A legenda ocupa duas linhas e diz:

Milagre que fes Santo Afonço a uma | sua debota 1852. |

CARACTERES.—É pintura a óleo sôbre madeira. A moldura está colorida de amarelo com os cantos quadrados a negro. Mede 0^m,255 de largo e 0^m,182 de alto. Mal conservado, o «Milagre» é marcado com o número de catalogação 262.

ICONOGRAFIA.—Um leito de cabeceira alta, à esquerda, está com colcha vermelha e roda-pé de folhos brancos. À direita, em pé no quarto, vê-se o Santo implorado, que enverga hábitos talares, e segura na mão um crucifixo com Jesus Cristo.

N.º 17

LEGENDA.—Distribuída por três linhas de cursivo irregular, êste «Milagre» tem a seguinte legenda:

Milagre ã fes S. Domingũz a Ioão Malaquias estan | do piri-
goza mente a morer de huã Malina e recorendo | ao D.º Santu
se axhou Livre No Ano de 1742. |

CARACTERES.—A scena do «Milagre» foi pintada a óleo sôbre uma placa de madeira que mede 0^m,28 de largura por 0^m,23 de altura. Cerca o quadro um caixilho negro com um filete interno dourado. É de boa conservação. Tem o número 263 de catalogação.

ICONOGRAFIA.—Num leito à esquerda vê-se a custo um homem deitado. O leito está levemente oblíquo, tendo uma colcha verde e lençol rendado; por cima abre um dossel vermelho provido de cortinas, formando assim uma espécie de maca. À direita, no alto, surge o Santo com a cruz e em hábitos de frade, a meio de nuvens luminosas, e aureolado de luz irradiante.

N.º 18

LEGENDA.—A legenda está escrita com cursivo regular e fino. Compreende três linhas. Diz como se segue:

Milagre que fez Nossa Senhora do Alivio, a Maria Monteiro da | Ermida que estando quazi morta, serto devoto da Senhora se chamou a ella, e | logo a dita doente recuperou saude. (Roseta). |

CARACTERES.—A figuração foi feita com tinta de óleo sôbre madeira. A moldura é pintada na tábuia, a côr vermelha e de ouro velho, com um traço negro interior. O todo mede 0^m,330 de largo por 0^m,253 de alto. É boa a sua conservação. O número de ordem de catalogação é 266.

ICONOGRAFIA.—À esquerda ergue-se um leito largo, de cabeceira alta, coberto de uma colcha verde. Aos pés do leito, de joelhos e com os braços abertos, um homem implora a Divindade; está em colete e mangas de camisa, e vê-se ao lado no chão um chapéu alto. Ao meio da parede do fundo, azul, aparece, num turbilhão de nuvens que formam um medalhão, a imagem da Virgem cercada de auréola de luz dourada. Ela, que veste túnica vermelha e manto azul, traz nos braços o Menino, estando ambos coroados.

N.º 19

LEGENDA.—Ocupa cinco linhas de letra maiúscula, que vai imitando a de imprensa, e diz assim:

Milagre q̃. fes San be | nto adózia Maria est | ando emferma seapegou | com odito Santo ilogo | fes o sev milagre. |

CARACTERES.—É pintado a óleo este «Milagre» em madeira, e mede 0^m,25 de largo por 0^m,16 de alto. A moldura é estreita e de côr vermelha. Está fendido o retábulo, em toda a largura, por uma fresta que o divide em duas partes quasi iguais. Número de catálogo, 267.

ICONOGRAFIA.—O campo da pintura é amarelo. À esquerda vê-se uma mulher ajoelhada, implorando o Santo da sua devoção. À direita está o Santo acompanhado pelo corvo, branco, e ocupando toda a altura. A legenda vai da margem esquerda até o hábito do santo. A mulher ajoelha sôbre a legenda, ficando assim superior ao santo, que tem um báculo na mão e a mitra bispal pousada no chão.

N.º 20

LEGENDA.—Em quatro linhas de letras que imitam os caracteres maiúsculos de imprensa, a legenda dêste «Milagre» diz:

Milagre que fes, N. S. da Fonte, S.^{ta} Alexandre, Mrz. | morador, noalbonqverqve, que estando, m.^{to} doente, em | perigo devida, recorrendo, sva m.^{er} aesta, S.^{ra} alcançov | felis savde; seia p.^a lovar amesma, S.^a anno de 1804. |

CARACTERES.—É pintado a óleo sobre madeira, e mede 0^m,368 de largura e 0^m,305 de altura. Tem moldura estreita, de alçado, colorida a furta-côr de azul claro e azul ferrête. É má a conservação. Inscreve o número 184 de ordem de catalogação.

ICONOGRAFIA.—A scena é um quarto de chão vermelho, xadrezado. Em campo escuro de oliva, sobresaí um catre de madeira, com cabeceira alta de torneados negros, que se erguem como dois prumos torneados e ligados superiormente por um travessão. Nele está deitado um homem. À frente dêste móvel, reúnem-se uma mulher, quatro raparigas e três rapazes. Ela reza de joelhos e mãos postas. As crianças fazem gestos, dispostas em linha, e coloridas de azul, vermelho e do tom do campo do quadro. À direita levanta-se um pórtico formado de duas pilastras, ornadas com folhagem a toda a altura, que sustentam um arco ornamentado com motivos idénticos. Dentro, inferiormente, há um pedestal provido de uma roseta ornamental a meio da face. Em cima ergue-se a imagem da *Nossa Senhora da Fonte Santa*, assentando os pés num crescente rodeado de nuvens claras. O vão do arco, onde a Virgem se anicha, está cheio de luz amarela de ocre.

N.º 21

LEGENDA.—Lê-se apenas, escrito em cursivo, na primeira linha:

Milagre ã fes S. Christovão a huma.

CARACTERES.—O quadro é pintado numa fôlha de lata que mede 0^m,349 de largo e 0^m,257 de alto. A pintura está deteriorada, com as tintas arripiadas e caídas. Tem o número 186 de catálogo.

ICONOGRAFIA.—À esquerda está uma cama de cabeceira alta e arredondada, pés rasos, coberta de uma colcha azul tarjada de vermelho que fecha roda-pé. À cabeceira senta-se o Físico, trajado à maneira

de 1820. Do outro lado uma mulher segura um frasco de remédio. Aos pés da cama ajoelha segunda mulher, impetrando um santarrão que ocupa um rectângulo alto à direita. Nesse polígono vai S. Crisóstvão com o pinheiro lendário, que lhe serve de bordão; caminha descalço, nu até o joelho, e passa a torrente com o Menino Jesus sôbre o ombrô esquerdo; ao lado da cara barbaçada do Santo, o Menino aponta o céu e tem a fronte aureolada.

N.º 22

LEGENDA.—Lê-se, em letra imitada da tipográfica, sôbre faixa inferior pintada de branco, o seguinte, espraído em duas linhas:

M.^{ce} q̃. fes N. S.^a do Rozario, a uma devota estando ela gravemem.^{te} | emferma a mesma S.^a foi Seruida Restituila. Anno 1818. |

CARACTERES.—A representação scénica do «Milagre» é pintada a óleo sôbre madeira. É encaixilhada em uma moldura azul e amarela. Mede 0^m,38 de largo e 0^m,23 de alto. Está em boa conservação. Tem no catálogo o número 264.

ICONOGRAFIA.—À esquerda vê-se uma cama de cabeceira alta, onde se deitou um vulto de mulher. A câmara enche pouco mais de metade da superfície do retábulo, é delimitada por um septo vertical, e na parte superior, próximo da moldura, por uma faixa horizontal que forma tecto. No campo, à direita, está a Virgem do Rosário a meio de uma auréola de luz de ouro, e engastada numa onda de nuvens revolteantes.

N.º 23

LEGENDA.—Em cursivo regular, e espalhada por duas linhas, e parte de uma terceira, ostenta-se a legenda que segue:

Milagre que fes N. Senhora do Carmo, a Maria Barbera, estando gravemente enferma | De malina, e âpegandoce Com a dita Senhora, Logo concebeo milhoras; (uma palmeta) | No anno de 1792. |

CARACTERES.—O quadro é pintado a óleo sôbre tela, que se colou em cima de uma tábua. Encaixilhado em moldura dourada, mede 0^m,772 de largo e 0^m,455 de alto. É já obra de experimentado pintor de «Milagres», pois tem perspectiva, harmonia de composição, diversidade estudada de figuras e côres, Está bem conservado. Tem o número 2:792 de catalogação.

ICONOGRAFIA.—À esquerda, vê-se levemente oblíqua uma cama de cabeceira alta, à moda familiar do séc. XVIII, coberta de uma colcha de côr escarlate e com roda-pé verde. Junto da cabeceira avoluma, sob um pano amarelo torrado, o canto de uma mesa. Sobre o leito estende-se um cortinado verde, debaixo do qual se mostra a doente. Para lá da cama, está o Físico vestido ao gôsto da época, de cabeleira, gola e punhos de renda, sentando-se em cadeira de côr escarlate e ouro, de alto espaldar. Êle toma o pulso à enfôrma, toucada de renda. À direita, aparece em visão aureolada, a poisar os pés em maciços de nuvens, Nossa Senhora do Carmo, com o menino Jesus, e com escapulários.

N.º 24

LEGENDA.—Está escrita com letra irregular, em imitação do tipo de imprensa, e ocupa duas linhas na fimbria. Diz:

Milagre q̃. fes o Sr. S. HYeronimo a Belchior de Medina, em o livrar do gr.^{de} peri | go q' teve em deitar huma Apostema pela boca, em 14 de Abril de 1769.

CARACTERES.—O «Milagre» é pintado a óleo sôbre uma fôlha de madeira que mede 0^m,390 de largo e 0^m,265 de alto. Tem moldura vermelha. É boa a sua conservação. Tem o número 2:793 do catálogo.

ICONOGRAFIA.—À esquerda um homem num leito de madeira, estilo velho de cabeceira alta e pés subidos: à direita da cama estão dois Físicos, em traje séc. XVIII, casaca, peruca, espadim, tricórnio sobraçado. Ao fundo, no alto da parede, a meio, há um quadro onde se figura o Santo implorado, visto nu até o joelho. À direita, em baixo, ajoelham duas mulheres voltadas para o enfôrmo, e desoladas pelo sinal de desesperança dos Físicos.

N.º 25

LEGENDA.—Em letra de cursivo enorme regular e lento, que ocupa duas linhas:

Prodigio de N. Sr.^a da Con.^{çã}o em Salvar a vida a huma Em
| ferma desta Freg.^a já proxima á morte A rogos de hum
Seu Devoto, E 1819.

CARACTERES.—O retábulo é de madeira, e a encenação está pintada a óleo. A moldura, verde, mostra um filete interior dourado. Está em bom estado de conservação. Tem o número 4:956 de catálogo.

ICONOGRAFIA.—À esquerda há uma cama larga e de grande cabeceira. Nela figura-se uma mulher doente, cujo corpo não avoluma, e cuja cabeça sai da dobra do lençol. Cobre o leito uma colcha verde. À direita a Senhora da Conceição, inundada de luz e cercada de nuvens de nuvens, oferece-se à vista do seu suplicante. Aos pés da aparição, ora um homem, prostrado de joelhos, no traje burguês do primeiro quartel do séc. XIX.

N.º 26

LEGENDA.—Na parte inferior do quadro lê-se, escrito a letra maiúscula semelhante aos caracteres de imprensa, e que preenche quatro linhas:

Milagre q. fes: N.º Snr.ª dos Enfermos. a Anto | nio. Nvnes.
Galvão que vendose m.º afelito se apego | v. hvma. pesva.
de sva obrigação com a Snr.ª que lhe de | sse milhoras. i fi-
cov. livre. de tvdo. o prigo. |

CARACTERES.—O «Milagre» é pintado a óleo numa tábuia de 0^m,39 de largura e 0^m,257 de altura. A moldura tem côr verde manchada de dourado. O quadro foi envernizado. Em boa conservação, marca o número 5:257 de catalogação.

ICONOGRAFIA.—À esquerda, há um leito com colcha vermelha, cabeceira alta recortada, um roda-pé azul-escuro. De costas, um padre que enverga capa, e está voltado para o leito, aponta o canto superior direito do quarto, onde aparece a imagem da Virgem implorada, cercada de nuvens luminosas. A meio da sala encontra-se uma mulher de joelhos, de mãos postas, vestida à maneira do séc. XIX, de côres azul e vermelha. A Virgem, vestida de azul e vermelho, tem o filho ao colo; êste está nu, e ambos ostentam coroa.

N.º 27

LEGENDA.—Ocupa quatro linhas de letras que estão escritas em cursivo vertical, correcto. Diz:

Milagre que fes esta Deuina Senhora | da lapa a Maria batista
molher de A | gostinho lopes de V.ª de Conde q̃. dandolhe
hũ | asidente narua logo milhorou no Anno i759. |

CARACTERES.—Êste «Milagre» é pintado a óleo sôbre uma prancha de madeira que mede 0^m,413 de largura por 0^m,320 de altura.

Encaixilha-o uma moldura larga de alçado elevado, côr de rosa e a face central verde. Mostra má conservação. O número de catalogação é 5259.

ICONOGRAFIA.—O retábulo divide-se ao meio no sentido da largura. Na metade superior, côr rósea, vêem-se à esquerda dois homens, um de calção, gibão e carapuça, outro de calção e chapéu, os quais adiantam as mãos para uma mulher, caída de joelhos, entre êles. À direita surge a Virgem, em aparição teatral, mãos no peito, cheia de côres, coberta de alvuras vaporosas, a coroa um pouco à banda, e a rodeá-la um nevoeiro luminoso onde a luz divina que irradiava dela rasga labaredas de ouro.

LUÍS CHAVES.

Notas lexicológico-arqueológicas

Aqueles que teoricamente mais pregam patriotismo são às vezes os que menos o praticam. Patriotismo não é declamar, é pôr em execução tudo o que puder contribuir para o engrandecimento da pátria. Ninguém negará, suponho eu, que entre as formas do patriotismo se conta a de bem falar e escrever a língua materna, que constitui um dos vínculos da nacionalidade. Ora ao presente a língua portuguesa está tam desprezada, que não me parece supérfluo que quem de coração, e não só de loquela, professa patriotismo, se esforce por nesse sentido melhorar as condições actuais.

Pelo que toca à nomenclatura arqueológica, sabem os leitores que não poucos senões a afeiam e deturpam, uns por acção da literatura franceza, outros por outras razões. Aqui dou uma amostra, e ao mesmo tempo proponho o remédio respectivo.

1. CISTO.

Nas *Religiões da Lusitania*, I, 308 escrevi: «Em arqueologia pré-histórica emprega-se a palavra inglesa *cist* para significar um túmulo que »consiste numa caixa quadrangular, fechada pelos seus quatro lados »por pedras, e com tampa tambem de pedra. Estácio da Veiga e o »Sr. Santos Rocha traduzem esta palavra por *cisto*: vid. *Antiquidades monumentais do Algarve*, e *Antiquidades da Figueira*, passim. Os »Franceses dizem no mesmo sentido *ciste*. Como a origem das duas »formas é o latim *cista*, que vem do grego *κίστη*, entendo que em »português devemos dizer *cista*, do género feminino, e não *cisto*, do »género masculino, embora em inglês *cist* seja neutro». Apesar da